

SEMÂNTICA, SEMÂNTICAS: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO SIGNIFICADO PARA ESTUDANTES BRASILEIROS

SEMÂNTICA, SEMÂNTICAS: AN INTRODUCTION TO THE STUDY OF MEANING FOR BRAZILIAN STUDENTS

Diego Spader de Souza¹

dspadersouza@gmail.com

Ana Luiza Treichel Vianna²

analuizatvianna@yahoo.com.br

A obra *Semântica, semânticas: uma introdução*, organizada por Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso em 2013, tem por objetivo expor um panorama das diferentes abordagens da Semântica. Rodolfo Ilari, no prefácio escrito para a publicação, versa a respeito da trajetória dos estudos da área no Brasil, cujo início se deu na década de 1960, com “[...] a descoberta pelos brasileiros do estruturalismo saussuriano, ao qual segue de perto uma fase de grande prestígio da Semântica Estrutural [...]” (2013, p. 9). Ilari salienta, ainda, que o campo, no Brasil, nunca conseguiu o mesmo nível de expressividade de outras áreas, como a Sintaxe e a Fonologia, no cenário dos estudos linguísticos. Entretanto, o renomado linguista se afasta daquilo que chama de “velha avaliação” de que a Semântica ocuparia lugar de menor prestígio dentro da Linguística, ou de que estaria a “morrer à míngua”, estabelecendo que ela está, pelo contrário, “mais viva do que nunca” (p. 9).

Na introdução à obra, os organizadores iniciam falando a respeito do estudo do significado como sendo, talvez, “[...] uma das mais antigas buscas do espírito humano”, destacando, ainda, o caráter interdisciplinar da área, haja vista que podemos encontrar, em diversos estudos semânticos, fortes relações com outros campos do conhecimento, como a Matemática, a Lógica e a Filosofia. É nesse tom que *Semântica, semânticas: uma introdução* oferece ao leitor uma visão da área pela ótica da sua diversidade, destinando um

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Doutorando (CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma instituição.

² Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Mestranda (CAPES/CNJ) no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma instituição.

capítulo da obra para cada uma das variadas *Semânticas* que encontramos. Nas palavras de Ferrarezi Junior e Basso,

[...] este livro é um convite: um convite à pesquisa, à participação e à compreensão da enorme diversidade de fazeres e saberes, de caminhos e de perspectivas, de realidades e de bons sonhos hoje cobertos pelo enorme guarda-chuva do – para muitos, ainda misterioso – nome “Semântica”.(2013, p. 16)

Cada capítulo é estruturado da seguinte forma: (1) do que trata a vertente semântica descrita, (2) quais os seus objetos de estudo, (3) como estudar um fenômeno a partir da abordagem, (4) exemplos, (5) linhas de investigação e (6) leituras recomendadas para o leitor interessado em se aprofundar no universo da Semântica.³

O capítulo 1, *Semântica Argumentativa*, foi escrito por Leci Borges Barbisan, professora do Departamento da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Barbisan inicia o texto explicando que definir o que é a Semântica Argumentativa demanda levar em consideração as raízes da teoria na Filosofia. Desenvolvida originalmente por Oswald Ducrot na França durante a década de 1970, a Semântica Argumentativa se baseia, essencialmente, no conceito de valor linguístico de Saussure, presente no Curso de Linguística Geral, publicado pela primeira vez em 1906, obra fundamental para o estabelecimento da Linguística moderna. Ducrot, nas palavras de Barbisan (2013, p. 19), “[...] busca a origem filosófica de valor linguístico na teoria da alteridade apresentada em *O sofista*, em que Platão trata das categorias fundamentais da realidade [...]”. Barbisan esclarece, ainda, que a Semântica Argumentativa designa uma *Semântica linguística*, haja vista que defende que o estudo do significado pode ser feito sem a intervenção da dimensão extralinguística. Em outras palavras, a Semântica Argumentativa vale-se apenas do domínio da língua (BARBISAN, 2013). É de suma importância salientar, contudo, que o objeto de estudo desse paradigma é o sentido produzido não pela língua em si, mas pelo discurso. Pesquisas desenvolvidas no campo da teoria se fundamentam a partir de conceitos como *frase* e *enunciado*, esse último entendido como sendo “[...] a realização da frase” (BARBISAN, 2013, p. 22). A partir do aporte oferecido pela Semântica Argumentativa, é possível estudar, segundo a autora (2013), fenômenos como o sentido que se dá no tempo no discurso, de modo que a autora exemplifica tal questão com uma análise da palavra *quando* à luz da abordagem descrita no capítulo.

³Por questões de espaço e de síntese do conteúdo da obra, não é possível abordar todas as informações contidas em cada capítulo, de forma que a escrita concentra, portanto, aquilo que mais se sobressai na apresentação de cada perspectiva abordada. Não é necessário dizer que tal julgamento parte, totalmente, da leitura dos autores e é de sua inteira responsabilidade.

O capítulo seguinte, cujo tema é a *Semântica Cognitiva*, é da autoria de Paula Lenz, professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Ceará (UECE). A Semântica Cognitiva, de acordo com Lenz (2013), pode ser descrita como uma subárea da Linguística Cognitiva, a qual pertence um grupo de estudiosos com interesses diversificados, mas que compartilham o mesmo conjunto de noções relacionadas à natureza do significado. Para a Semântica Cognitiva, o significado está relacionado a estruturas conceituais presentes na mente. Um exemplo dado pela autora é o do trabalho de Lakoff e Johnson (1980) com as metáforas, o que culminou no modelo conhecido como Teoria da Metáfora Conceitual. A partir dessa abordagem, é possível compreender, por exemplo, que conceitualizamos *tempo* em termos de *dinheiro*: *economize seu tempo, poupe meu tempo* etc. (LENZ, 2013, p. 32). A Semântica Cognitiva assume os seguintes princípios básicos: “[...] a estrutura conceitual é corpórea, a estrutura semântica é a estrutura conceitual, a representação do significado (sentido) é enciclopédica e a construção do significado (sentido) é a conceitualização” (EVANS et al., 2007 apud LENZ, 2013, p. 35). Uma perspectiva amplamente adotada no âmbito dos estudos em Semântica Cognitiva é a de uma *Semântica da compreensão*, que, conforme Croft e Cruse (2004 apud LENZ, 2013), demonstra que uma série de fenômenos linguísticos não podem ser devidamente explicados por perspectivas formais, como a Semântica das Condições de Verdade. Para o linguista Charles Fillmore, em sua Semântica de *Frames* (uma das principais hipóteses da Linguística Cognitiva para a descrição do significado), a proposta é que se “[...] contemple toda a riqueza do entendimento que o falante deseja transmitir e do entendimento do que o ouvinte constrói a partir da fala de seu interlocutor” (LENZ, 2013, p. 35). Nesse sentido, no âmbito da área, cai a distinção entre Semântica e Pragmática: o conhecimento semântico é o conhecimento enciclopédico. Lenz (2013) ressalta que a pesquisa em Linguística Cognitiva se subdivide em uma Semântica Cognitiva e uma Gramática Cognitiva. Entretanto, a linha divisória que separa essas duas subáreas é uma linha difusa que não pode ser interpretada de forma taxativa, uma vez que, para a Linguística Cognitiva, é a própria Semântica que impulsiona a Gramática. Ao fim do capítulo, a autora apresenta, ainda, uma relação de grupos de pesquisa que desenvolvem trabalhos em Semântica Cognitiva no Brasil.

O terceiro capítulo, por Luiz Arthur Pagani, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), trata da *Semântica Computacional*, abordagem inserida na chamada Linguística Computacional. Pagani (2013) postula que a Semântica Computacional se divide em duas frentes: uma com maior ênfase na parte linguística, enquanto a outra destaca os aspectos computacionais dos estudos na área, dependendo do interesse de ordem mais

empírica ou mais teórica do pesquisador. O autor informa, também, que o interesse por uma Semântica Computacional vem desde as primeiras tentativas de reproduzir o comportamento humano, como as máquinas de jogar xadrez, que datam do século XVIII (PAGANI, 2013). No entanto, foi apenas a partir dos anos 1950, com os investimentos feitos em tradução automática e em processamento da linguagem natural, que a área se consolidou. Vale ressaltar que Pagani (2013) cita, também, a obra *Inteligência artificial: um curso prático* (ARARIBÓIA, 1988), considerada pioneira da área no Brasil. Segundo o autor, estudos em Semântica Computacional iniciam com a escolha de um fenômeno linguístico e de uma teoria que permita sua descrição, para, então, eleger a perspectiva computacional a ser utilizada. Nesse ponto, Pagani (2013) descreve três diferentes áreas da computação: *modelamento*, *aplicação* e *computabilidade*. É interessante salientar que a Linguística de *Corpus* se enquadra em um modelo de aplicação linguístico-computacional, de acordo com o autor do capítulo. Por fim, Pagani (2013) trata do cenário atual da Semântica Computacional, que inclui um grande interesse pelo desenvolvimento de aplicativos que simulem o comportamento humano e pela *web* semântica.

O capítulo 4, *Semântica Cultural*, foi elaborado por Celso Ferrarezi Junior, que é também um dos organizadores da obra, além de professor da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Pode-se definir a Semântica Cultural como uma “[...] vertente da Semântica que estuda a *relação entre os sentidos* atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a *cultura* em que essa mesma língua está inserida” (FERRAREZI JUNIOR, 2013, p. 71), de modo que um dos grandes avanços da área, nos últimos anos, foi demonstrar que as estruturas das línguas naturais não são meros agrupamentos de regras gramaticais, mas reflexos da cultura, das organizações sociais e do meio. Nesse sentido, a Semântica Cultural vê a língua como sendo mais do que uma herança passada de geração a geração, tendo em vista que ela interfere, diretamente, na forma como enxergamos e vivenciamos o mundo, uma vez que é através dela, da língua, que expressamos esse mundo. A Semântica Cultural, para a análise do significado, identifica três níveis de sentido: o sentido *menor*, o *médio* e o *maior*. O sentido menor denota aquilo que logo vem à mente, quando se visualiza um item (*casa*: residência); o médio se relaciona à inserção do item em um determinado contexto (*casadecarnes*: casa comercial: açougue); e o maior é o sentido totalmente especializado, inserido em um contexto e em um determinado cenário (*casa de carnes de Maria*: casa em que Maria esquartejou o marido, recuperando o sentido de açougue). Ferrarezi Junior (2013) finaliza o capítulo falando sobre as linhas de investigação da Semântica Cultural, citando as contribuições da área para campos de estudo diversos, como a Educação e a Tradução.

O capítulo posterior se dedica à *Semântica da Enunciação* e é de autoria de Valdir do Nascimento Flores, professor do Programa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Flores (2013) inicia versando a respeito da dificuldade que há em recuperar a história não só do termo *Semântica da Enunciação*, mas também do “[...] uso atribuído à palavra *enunciação*” (p. 89). A respeito do termo *enunciação*, o autor apresenta uma breve revisão do uso da palavra antes e depois do advento da Linguística moderna, fundada a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*. Consoante Flores (2013), a implementação do termo *enunciação* nos estudos linguísticos se deu através de Charles Bally e Albert Sechehaye (dois dos discípulos de Ferdinand de Saussure), de forma que hoje é amplamente ligado ao trabalho desenvolvido por Émile Benveniste, conhecido como Linguística da Enunciação ou Teoria da Enunciação, nos artigos organizados nas obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*, publicados originalmente em 1966 e 1974 respectivamente. No que diz respeito a essa terminologia, Flores (2013) esclarece que tais denominações, em conjunto com *Semântica da Enunciação*, se confundem, de modo que a preferência por uma forma em detrimento das demais se dá a partir da dimensão que o linguista dá à área:

A expressão Teorias da Enunciação, no plural, nomeia as propostas individualizadas, geralmente, identificadas aos nomes de seus autores,

enquanto

A expressão Linguística da Enunciação, no singular, diz respeito a uma variedade de teorias, consideradas em seu conjunto, que, devido a alguns traços comuns entre si, fazem parte de um modo de pensar a linguagem. (FLORES, 2013, p. 95).

A partir disso, o autor aborda o lugar da Semântica da Enunciação nesse paradigma, já que, diferente de como ocorre com a Semântica Formal, por exemplo, análises enunciativas não levam em consideração apenas um nível de análise linguística (morfologia, sintaxe, semântica etc.). “O locutor, quando enuncia, o faz com a língua toda” (FLORES, 2013, p. 95). A fins de descrição metodológica da área, o autor informa que, em razão da natureza da teoria benvenistiana de enunciação, não se tem um conjunto delimitado de passos metodológicos para o linguista. Ainda que a área apresente um número de premissas básicas a serem seguidas⁴, é dever do linguista trilhar o seu próprio caminho metodológico.

⁴ (a) a pesquisa enunciativa sempre leva em consideração o sistema linguístico; (b) as análises relacionam o nível semiótico àquilo que Benveniste denomina *semântico*; (c) a análise enunciativa não é quantitativa; (d) a enunciação enfoca a relação entre forma e sentido; e (e) as “marcas” da enunciação designam relações singulares de forma e sentido (FLORES, 2013, p. 98).

No capítulo seguinte, *Semântica dos Protótipos*, escrito por Erik Miletta Martins, mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, diz-se que o objeto de estudo, nessa linha de pesquisa, se dá através da organização das categorias a partir da manifestação prototípica em itens lexicais. Dessa forma, a organização de categorias se relaciona a membros centrais e membros periféricos. Por exemplo, com respeito à categoria *fruta*, pensamos em *maçã* como um membro central e *tomate* como um membro periférico. Com isso, tal área de investigação se concentra na explicação de como essas categorias e agrupamentos são processados. Sendo a Semântica dos Protótipos uma área interdisciplinar, ela se ramifica em duas formas teóricas, de forma que a primeira se relaciona a uma tendência cognitivo-informacional, que tem por objetivo “descrever o conjunto de propriedades (gramaticais e/ou semânticas) atinentes a um item lexical” (MARTINS, 2013, p.106), ou seja, vê os itens lexicais e suas representações conceituais nas línguas naturais, a partir de *corpora* variáveis (orais e/ou escritos). Assim, liga-se à lexicologia, à lexicografia e à semântica cognitiva, pois estuda fenômenos como a polissemia e a mudança de sentido através de *efeitos prototípicos*. A segunda orientação teórica segue uma tendência processual, concentrando-se na inserção e na construção das categorias nas atividades discursivas. A partir das variedades contextuais, estudam-se as aparições prototípicas do léxico em situações interativas. Esta última se relaciona à Linguística Textual e à Análise da Conversação, por ter esse caráter mais interacional.

O capítulo 7, *Semântica e Psicolinguística Experimental*, escrito por Maria Luiza Cunha Lima, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), trata sobre as representações do significado através do processo de compreensão que criamos ao ouvir ou ler um texto qualquer. Assim, esta área estuda o processamento das línguas; como a mente humana processa as representações de palavras, orações e textos; que processos realizamos para compreender, armazenar e produzir textos que tenham sentido (LIMA, 2013). Com uma metodologia quantitativa, a Semântica e Psicolinguística Experimental atém-se à exploração de processamentos da língua e subdivide-se em duas grandes áreas de concentração: (a) uma que analisa as medidas comportamentais dos participantes e seu tempo de reação, e (b) outra que analisa as medidas de reações fisiológicas ao corpo dos participantes enquanto processam a língua. Um problema encontrado nesses tipos de análise reside na possibilidade de os participantes serem influenciados pela sua percepção da tarefa ou pela interrupção do processamento. Dessa forma, a área se preocupa com as representações dos sentidos lexicais na mente humana, as relações entre as palavras e seus sentidos e como realizamos o processamento de compreensão. Uma possibilidade é o estudo de palavras isoladas,

analisando como o acesso e reconhecimento de uma palavra ambígua, homônima ou polissêmica é processado. Outro meio de estudo é por meio de palavras em contexto, ou seja, como processamos o sentido das palavras em um determinado contexto em que ela está inserida.

O capítulo seguinte aborda a *Semântica Formal* e foi escrito por Renato Basso, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). A área tem fortes raízes na filosofia e na lógica, ainda que seja considerada um campo novo no âmbito da Linguística, tendo se desenvolvido dentro dos estudos da linguagem há cerca de cinquenta anos. Basso (2013, p. 135-136) apresenta três ideias que impulsionam a Semântica Formal: “a) a língua é um sistema regrado; b) a interpretação das mensagens linguísticas é referencial; c) o sistema linguístico é composicional”, mostrando como o nosso conhecimento é estruturado e podendo ser relacionado à matemática. Assim, esta área tem por objetivo proporcionar *condições de verdade* às sentenças de uma língua. Nessa perspectiva, condição de verdade não está no nível de verdadeiro ou falso, mas sim na relação entre a sentença a entidades extralinguísticas. Em concordância com Basso (2013, p. 136) “saber interpretar, em seu nível mais básico, é saber atribuir condições de verdade”, ou seja, o mínimo que sabemos e necessitamos para interpretar uma sentença dada. Dessa forma, o objeto de estudo da Semântica Formal são as estruturas linguísticas composicionais que se ligam com algo exterior à linguagem, o que mostra sua raiz na metalinguagem lógico-matemática. Assim, estudos em Semântica Formal baseiam-se na comparação entre duas ou mais sentenças, percebendo as diferenças entre elas e levando em consideração as condições de verdade. Por fim, o campo apresenta uma gama de trabalhos ainda inexplorados, de modo que o autor identifica dois tipos, um mais empírico e outro mais teórico. O primeiro se relaciona à análise de dados de línguas naturais, enquanto o segundo se volta às postulações e previsões de uma teoria ou à discussão da teoria semântica.

Em seu último capítulo, o livro aborda a *Semântica Lexical*, de autoria de Teresa Cristina Wachowicz, professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O texto inicia tratando sobre a vertente clássica dessa área, caracterizada por estudar fenômenos como a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia e a meronímia, tratando, ainda, das relações entre significado e sentença. Atualmente, essa linha está preocupada com a relação entre informação lexical e estrutura sintática, também chamada de *estrutura argumental*. Com essa relação, em certo ponto, há uma medida de restrição gramatical, de modo que se entende uma associação entre o verbo (informação lexical) e seus argumentos (sujeito e objeto) (WACHOWICZ, 2013). Nesse sentido, os argumentos preenchem as valências do verbo. As restrições gramaticais encontradas podem ser analisadas em três linhas distintas, que tentam

clarificar o fato de haver restrições criadas pelo léxico. A primeira de natureza temporal, também vista como *informação aspectual*, está atrelada ao verbo; a segunda linha, de natureza temática, em que é possível analisar os papéis temáticos desenvolvidos pelos participantes da situação. E, enfim, o terceiro momento, que designa a *união* entre o tempo e a temática, já que ambos se encontram na cognição. Finalmente, a Semântica Lexical investiga a partir de um viés duplo: teórico e empírico. No ponto de vista teórico, estudos apontam para a representação do léxico a partir da perspectiva aspectual (temporal), temático ou conceitual. Já pelo viés empírico, a tendência é aplicar uma perspectiva cognitiva a dados de outras áreas como a aquisição, a neolinguística, a linguística textual ou o ensino de línguas (WACHOWICZ, 2013).

Como foi possível notar ao longo do texto, *Semântica, semânticas: introdução* cumpre com seu papel de apresentar as diferentes abordagens para o estudo do significado, a partir de uma perspectiva que leva em consideração a diversidade das pesquisas semânticas. Assim, entende-se que a Semântica reflete a própria natureza da Linguística, que se estabelece como uma ciência plural, com teorias e paradigmas que, ao mesmo tempo em que divergem, se encontram no objetivo comum de descrever a linguagem, suas formas, suas características e seus mais variados e inúmeros significados.

Destacando o caráter introdutório da obra, todos os autores apresentam, ao fim de seus capítulos, recomendações de textos e de autores que possam auxiliar no aprofundamento dos estudos nas áreas abordadas, o que garante ao leitor a possibilidade de dar continuidade a sua caminhada na estrada da Semântica. Nesse sentido, *Semântica, Semânticas: uma introdução*, descrita pelos organizadores como o primeiro *handbook* de semântica em língua portuguesa, é uma obra destinada, principalmente, a estudantes de graduação em Letras e a cursos de pós-graduações em Linguística e áreas afins, muito contribuindo para a disseminação da área.

Referências

ARARIBÓIA, G. **Inteligência artificial**: um curso prático. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2000.